

Sarney Aviso aos navegantes

O ex-presidente José Sarney gosta de repetir aos mais diversos interlocutores que não possui "futuro político". Esse vazio de esperanças sempre chega acompanhado de curioso juízo de valor formulado por S. Exa.: "Sou passado". Nada mais justo. Ainda que correndo o risco de dizer o óbvio, é obrigatório reconhecer que, como nunca, o autor de *Marimbondos de Fogo* exerceu com justiça o poder da autodefinição. Exatamente por isso causam uma certa espécie de notícias segundo as quais o candidato Fernando Henrique Cardoso compareceu ao solar do Calhau, em pleno Maranhão colonial, para selar um acordo com o passado: em troca de apoio político eleitoral, se abriam as portas do provável futuro governo, mesmo as de nível ministerial, para o senador pelo Amapá.

Garantiam os antigos que a arte de dar conselhos é por demais espinhosa e que o conselheiro corre o risco de ser escorraçado: "Sei errar sozinho!". Porém, rezam as regras da coesão social civilizada que prevenir acidentes é dever de todos. Principalmente os fatais. O senador José Sarney tem uma história, e seu nome é mais que uma lenda, é quase síntese perfeita de um modo muito específico de fazer política. Quis o destino que este *estilo* chegasse, em condições trágicas, ao maior cargo da República. Esse estilo está claro naquilo que foi feito para que a Constituinte não reduzisse para quatro o mandato de seis anos, que se transformou num quinquênio de festa com poucos convidados. Entre o que promete ser o estilo Fernando Henrique de fazer política e o que foi o *feitio Sarney* de exercer o poder está a distância entre o azeite e o vinho. A água não espelha essa diferença. É pouco. É preciso pensar em termos da capacidade escorregadia que só os óleos falsos sabem ter para se medir bem esta diferença.

Não é preciso recordar o quinquênio animado pelo *Plano Cruzado* para se ter a conveniente prudência no trato com esse personagem da história republicana.

Como é possível esquecer os primeiros passos da candidatura presidencial que agora lidera as pesquisas de intenção de voto? Quantos esqueceram o episódio Zequinha *versus* Covas? Não foi naquela oportunidade que fle-

chas bem pouco cupidianas foram lançadas pelo filho do alardeado dono de 50 votos no Congresso, em direção ao PT? Isso depois do curioso "périplo das 96 horas", quando o candidato Sarney,

o mesmo que depois diria que não tem futuro político, após a derrota no PMDB, tentou "abrir vaga" no PTB e no PP — sempre negadas — para voltar ao PMDB. Só não tentou fincar pé na seara do PFL, contentando-se em manter os filhos nesse partido.

Sarney procurou construir muitas imagens depois da Presidência. A preferida é a do político politicamente morto. Sobre essa imagem, o candidato pode informar-se melhor com o ex-governador do Ceará, Ciro Gomes, que se envolveu em querela com o ex-presidente em agosto de 1993. Então, o epíteto de "reles bajulador" (lançado por Sarney) veio acompanhado de um recado sem qualquer glamour literário: "Esse pessoal confunde calado com morto. Eu estou vivo". Com toda certeza. Nos muitos sentidos que o dicionário empresta a essa palavra.

O ex-presidente conhece como poucos os meandros complexos e os muitos caminhos que levam ao verdadeiro poder da República. Está iluminando alvo visível, quando pretende atirar mesmo em outra direção. Todo ministro é demissível *ad nutum*. O princípio vale tanto para o neófito nas artimanhas do poder como para um ex-presidente. Cargos na direção do Congresso não são passíveis do crivo presidencial; conquistam-se, vencendo-se poucos obstáculos. Em tempos que tantos esperam tanto do Poder Legislativo — a começar da reforma constitucional que devolva governabilidade ao Estado — presidir o Congresso Nacional é reunir influência maior do que ser mero ministro, sempre subordinado às diretrizes da Presidência da República.

**Sarney é o
passado. Não
convém seguir
seus métodos,
seja pelo motivo
que for**